



**Os adjetivos passam,
os substantivos ficam**

APRESENTAÇÃO

Este livro é fruto de um projeto mutisseriado baseado na leitura de contos de Machado de Assis, para aprimoramento do repertório cultural do aluno do Colégio XIX de Março .

Dentre várias atividades desenvolvidas sob a coordenação dos professores Diego, Letícia e Paula, esta RELEITURA visava a produção de textos narrativos breves, a partir de fragmentos de livros diversos deste nosso maior autor.

O resultado é esta antologia da qual participam alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio interessados na publicação de suas versões. Compõe a página de cada um uma foto registrada no CENÁRIO MACHADIANO, todo decorado com peças que remetiam ao século XIX. A capa também é criação da turma de Oficina de Artes do colégio, conduzida pelo professor Pedro Ivo.

Agradecimento a todos os professores e funcionários que se envolveram neste projeto e que, com sua eficiência de trabalho, confirmam o que diz Machado: *"Os adjetivos passam, os substantivos ficam."*

Maria de Lourdes Mancilha Nunes Matos
Diretora de Ensino



ÍNDICE

Discórdia	5
Anistia.....	8
Amor Ilegítimo	11
Nas Linhas do Trem	14
O Calor da Traição.....	17
A festa dos Animais.....	19
Superando o Bullying.....	21
A Arte mais Bela	23
A Pureza de Sebastião	26
A Beleza da Natureza	29
O Amor não Maltrata	31
Tudo Chega ao Fim	33
O Menino Órfão	36
Grande Confusão	38
Assim é o nosso Amor	40
Os Melhores Amigos	42
O Sábio.....	44
Minhas Honrosas Lembranças.....	46.

Superação.....	48
Amor de Infância	52
A Apresentação de José	55
Esperança	57
Uma Manhã Inesquecível	59
Insegurança Mata	62
O Menino e o Cão	65
O Brinde	68
Amor de Mãe	71
O Bolsista e o Rico	74

DISCÓRDIA



Um grupo de amigos saía sempre à noite, após o expediente, para ir a um clube noturno ouvir música e comer. Certo dia, na praia, perto do local, estava tendo um festival de música e Pedro, Sérgio, James e Hudson foram. Tinha bandas incríveis, comidas e bebidas exóticas. Estavam todos se divertindo, até que chegou a última banda, cujo vocalista Pedro achou bem familiar.

Todos adoraram a música que a banda tocou, porém, após a música, o vocalista foi ao microfone e falou sobre o meio ambiente e reciclagem. Ninguém gostou daquilo e a plateia começou a vaiar o vocalista, Sérgio se virou para Pedro e disse:

- Cara, que coroa trouxe, quem liga para isso?

Pedro ficou quieto e olhando atentamente o sujeito, até concluir que o vocalista era seu pai! Quando descobriu isso, ele pegou uma garrafa de vidro e quebrou-a na cabeça de Sérgio, que era segurança do shopping, sacou uma pistola e apontou para Pedro, falando:

- Pra que isso, seu desmiolado?

Pedro gritou com sua garrafa na mão:

- Aquele "trouxa" é o meu pai, seu mané!

Sérgio quase deu um tiro em Pedro se não fosse James, que acalmou os dois. Quando a poeira abaixou, Sérgio disse:

- Guarde minhas palavras, Pedro! Eu vou te pegar!

Com medo, Pedro exclamou:

- O-ok! Querem saber, e-e-eu tô fora!

Hudson ficou triste por causa do acontecido com os amigos. Pedro afastou-se do grupo com dificuldade; mas a conversa entre os dois morreu, como lâmpada a que faltou óleo.

(Arthur Soares Lima – 6º ano)

ANISTIA



Neves e Virgília eram um casal como os que vemos nos filmes. Tinham seus trinta e poucos anos de vida e já haviam comemorado graciosamente suas bodas de estanho. Aparentavam estar ainda apaixonados e felizes em seu matrimônio, mas o que ninguém sabia era que o casamento estava desmoronando.

Em um momento de fraqueza, após um dos conflitos com o marido, Virgília fora procurar consolo em outros braços. Braços estes justamente do melhor amigo de Neves, Júlio. Já havia se passado meses desde o ocorrido, mas ela ainda não conseguia encontrar a coragem para confessar-se.

Aproveitou-se de um momento pacífico do marido para que plantasse a semente da possível discórdia: “Precisamos conversar”, ela disse como quem atirava bolas de fogo pela boca. “Tenho algo a lhe contar”, continuou, sentindo o próprio rosto queimar. Neves sentiu as pernas tremerem e as palmas das mãos suarem.

Ela o poupou de detalhes. Disse o necessário, com uma rápida justificativa e um apelativo pedido de desculpas. Via a decepção através dos olhos do marido e quase podia escutar seu coração se partindo, mas sem esboçar empatia alguma pelo sofrimento que o causara. Sentia-se culpada, mas não sabia reagir.

Ele já não sabia mais se conseguiria de fato desculpá-la. Já não a garantia o perdão com tanta convicção como havia o feito antes. Não sabia nem se deveria desculpá-la. E, caso devesse, estava certo de que não queria o fazer, pois aquilo ferira seu orgulho e denegrira sua imagem.

Após meses de reflexão por parte de Neves e pedidos de desculpa de Virgília, ele cedeu em prol de sua aliança. Queria restaurar a fé em sua esposa, a esperança em sua união e o poder do perdão em si. Constatou que não havia orgulho no mundo que competisse com a paz interior trazida por uma escusa e a sensação de ter salvado seu relacionamento. Afinal, somos todos pecadores, e nunca sabemos quando seremos aquele de joelhos a pedir pela remissão.

(Giuliana Castro – 2º ano)

AMOR ILEGÍTIMO



Virgília, mulher de um político bem-sucedido da pacata cidade de Marselha, localizada na França, em sua convivência com membros da alta sociedade, se encontra diante de situações que a levaram a uma grande mudança em sua vida. A princípio, tudo parecia apenas ilusões de sua cabeça, algo que depois viria a se concretizar em realidade.

Cansada de seu matrimônio, ela se via em uma situação em que a sociedade não aceitaria, naquela época, o rompimento dela e de seu cônjuge. Mediante um convite para uma festa, na casa de sua amiga Plácida, ela reencontrou um grande amor do passado, Brás, e, com esse reencontro, deu-se início a um novo relacionamento proibido, que traria consequências no futuro.

Após apresentar para seu marido esse amigo do passado e, percebendo uma afinidade momentânea entre os dois, convidou-o para um jantar na residência do casal.

Durante o jantar, Virgília estava serena e risonha, tinha o aspecto das vidas imaculadas. Nenhum olhar suspeito, nenhum gesto que pudesse denunciar nada. Desconfiando de algo entre Virgília e Brás, porém, Plácida, que também estava presente no jantar, começou a desconfiar que algo estava acontecendo. Ela tinha o sentimento de como tocássemos, casualmente, nuns amores ilegítimos, meio secretos, meio divulgados.

Diante de tal situação, o marido de Virgília, já desconfiado, descobriu o que realmente estava acontecendo e tomou a decisão de romper todos os laços com a mulher que o havia enganado. Perante a atitude do marido, Virgília se viu sozinha e julgada pelas consequências de suas atitudes passadas.

(Anabella Barros – 9º ano)

NAS LINHAS DO TREM



Quando eu era pequeno, meu pai sempre me dizia “faça o que te faça feliz, o que te faça contente! Siga seus sonhos, lute pelos seus objetivos e viva por você mesmo!” Um ótimo pai! Minha mãe, entretanto, uma mulher muito religiosa, queria que seus filhos fossem padres (embora não me preocupasse muito: por não ser seu preferido, nem o primogênito, ela não se importaria tanto, em me ver exercendo um trabalho desbatinado).

Mas, num belo dia ensolarado, houve um acidente inesperado. Depois de uma ótima viagem, o caçula da família, num rápido tropeço, caiu, ao desembarcar, nas linhas do trem. Num ato heroico, meu pai e meu irmão mais velho se atiraram sobre aquelas tábuas de ferro e madeira, em busca do caçula... Foi aí que desenvolvi meu medo de trens... e de dias de verão.

Agora éramos eu, minha mãe e seu sonho de ter um filho padre. Eu não negava, mas também não afirmava que entraria no seminário, embora dentro de mim já soubesse a resposta: sempre quis ser jornalista, não sirvo para celebrar missas. Colocando na balança, resolvi que, mesmo não querendo, iria para o seminário, e logo, para não mudar de ideia. No momento, a felicidade da minha mãe era mais importante.

Colocando na balança, resolvi que, mesmo não querendo, iria para o seminário, e logo, para não mudar de ideia. No momento, a felicidade da minha mãe era mais importante.

Depois de uma semana do meu veredicto, lá estava eu, acompanhado de minha mãe, comprando a passagem do trem que ia ao seminário. Esperando na plataforma, lembrei-me de meu pai (siga seus sonhos, viva para você)... Foi quando decidi cancelar a viagem. Ao comunicar minha mãe sobre tal decisão, nunca a vi tão irritada como então; parecia disposta a dizer tudo a todos. Cerrava os dentes, abanava a cabeça... Eu, assustado, não sabia que fizesse; repetia os juramentos, prometia ir naquela mesma noite declarar em casa que, por nada neste mundo, entraria no seminário. “Você? Você entra.” “Não entro.” “Você verá se entra ou não!” Vozes na minha cabeça gritavam.

_Vou para junto de meu pai e meus irmãos, a saudade está me matando; realmente...

Com outra perspectiva, vi a mesma cena daquele dia ensolarado. Agora estou aqui, depois de sentir meu sangue escorrer sob o trem: não posso me desculpar para minha mãe, nem ouvir suas desculpas, nem entrar no seminário, nem cursar jornalismo. Mas aqui, pelo menos, posso ser quem eu sou.

(Ana Laura Bastos Caniéllo - 1º ano)

O CALOR DA TRAIÇÃO



Rio de Janeiro, um calor escaldante, a praia lotada e Júlio, um empresário conhecido pelo mundo todo, resolve ir até o shopping . Chama sua amada Camila , mas ela, sem disposição, fala que não quer ir .

Camila então resolve chamar sua melhor amiga, Rosana, para um chá para colocar a conversa em dia, fofocar e muito mais.

Mas Rosana fala que infelizmente ela não poderá ir , pois está cheia de serviço e , mais tarde , ia ao shopping resolver algumas coisas de seu interesse . E Camila acha muita coincidência o seu marido e a sua melhor amiga no shopping e resolve ir até lá conferir .

Chegando ao local, já com poucas esperanças, Camila flagra Júlio e Rosana de mãos dadas andando no corredor das lojas . Quando Júlio vira para trás e vê sua namorada, sai correndo para se desculpar, mas Camila não dá ouvidos e sai correndo, chorando e muito triste, se sentindo uma pessoa muito ruim . E Júlio fica se lamentando .

Camila vai para a praia e começa a se lamentar , chorar e falar : o amor desprezado sangra e fere

(Beatriz Lomônaco Maciel – 7º ano)

A FESTA DOS ANIMAIS



Em uma bela manhã de sábado, alguns animais da floresta se reuniram, porque gostariam de fazer uma festa com os seres mais velozes e espertos da natureza. Dentre eles estavam jacarés, cobras, águias, leões, leoas, leopardos, gatos, cães, entre outros.

Os animais que estavam organizando o evento fizeram convites para todos os mamíferos, répteis, aves e animais aquáticos que queriam convidar. Só havia um problema. Os leões não sabiam identificar muito bem cada animal que iriam chamar e disseram uns para os outros:

- “ Felizes os cães, que pelo faro dão com os amigos! ”

Depois de dizerem estas palavras, voltaram para onde estava acontecendo a reunião e pediram para duas águias irem com eles entregar os convites. Cada ave com um leão, assim entregaram os convites e voltaram para casa, para poderem descansar e ficar prontos para o dia seguinte.

A noite foi embora, e o sol raiou. Muitos animais já estavam prontos e partiram para o devido lugar da festa.

Chegando lá, encontraram seus amigos e se divertiram muito.

(Giovanna Giffoni – 6º ano)

SUPERANDO O BULLYING



Oi, meu nome é Manuela, tenho 15 anos e sofro bullying desde os 5. As pessoas me chamam de gorda, baleia, feia, esquisita... É tanta coisa que dá uma Bíblia se eu for continuar escrevendo.

Eu sofro muito, pois só tenho uma amiga (que ainda não é muito confiável). Eu cheguei até a ir a uma psicóloga, mas nada adiantou. É difícil todos os dias as pessoas ficarem te zoando...

Hoje entrei em um grupo de apoio para as pessoas que sofrem bullying, eu estou gostando muito e isso, sim, está me ajudando. Eu vou lá três vezes por semana, estou aprendendo a lidar com as agressões... Nesse grupo de apoio, as pessoas me ensinaram uma frase muito legal “se és feliz, escreve; se és infeliz escreve também”

Isso foi uma maravilha, pois agora estou aqui escrevendo para você, querido diário.

Com tudo isso que aconteceu e ainda acontece, eu aprendi que, para mais nada disso me abalar, tenho que mudar e provar que eu sou mais do que uma gordinha mal arrumada. Até amanhã!

(Gabriella Araújo Andrade – 7º ano)

A ARTE MAIS BELA



Uma sala, uma estrutura de madeira, uma tela, cores variadas e mãos delicadas. Com isso Augusta consegue fazer as mais belas das artes. Não sei o que dizem ao certo, mas chegou aos meus ouvidos que sua inspiração se encontra na sala ao lado, um belo rapaz que anda povoando seus sonhos.

Ao fim de sua aula, Augusta, faz suas atividades rotineiras, vai para a cafeteria e olha a movimentação. Ela anda tranquilamente pela rua e acaba esbarrando em algo, ou melhor, em alguém. - Me desculpe - disse a famosa inspiração, denominada Otávio.

-Não tem problema – responde a bela senhorita – eu estava distraída. E, com isso, a mesma derrama um pouco do café na camisa de Otávio.

- Ao que parece você decidiu aprimorar minha simples camisa – comentou o rapaz com um sorriso de lado.

Com desculpas da parte de Augusta, eles desfrutaram de uma aprazível tarde, recheada de risadas e boas histórias, parecendo bons e velhos amigos. Decorrente deste episódio e com o passar do tempo, o casal foi se aproximando e acabaram os dois se apaixonando.

Otávio, extremamente apaixonado, convida sua amada Augusta para um piquenique no fim de tarde. Após desfrutarem de um delicioso lanche, decidem relaxar. Otávio repousa sua cabeça no colo de Augusta, que lê uma obra literária e acaricia com seus delicados dedos o encaracolado cabelo de seu amado. E os pensamentos dele eram preenchidos com “...as mãos compridas e bem finas, pareciam criadas para os afagos de amor, Augusta dava o melhor emprego às suas mãos; calçava-as de macia pelica.”

(Bruna Mattos Cardoso - 7º ano)

A PUREZA DE SEBASTIÃO



Possuía tal admiração por cantigas populares que deixava de dormir para ouvi-las. Sebastião era um senhor de meia-idade, com cabelos grisalhos e curtos e olhos escuros e vazios, como o seu coração. Tão vazio que só as cantigas populares o preenchiam.

Vivia muito só e possuía hábitos diferentes do normal. Sebastião era muito religioso, porém não frequentava nenhuma igreja. Também gostava de pescar, porém voltava sempre de mãos vazias, já que o volume do rádio ao pronunciar as cantigas espantava os peixes.

Seus únicos laços de amor e carinho foram com sua mãe, já falecida, e seu amigo de infância. Quando pequeno, Sebastião viu seu pai fugir, já que não estava dando conta de sustentar a família. Também teve de ver seu amigo de infância falecer e, como se não bastasse tanto sofrimento, também perdeu a fé que possuía em sua religião. Questionou o porquê de tudo que amava o deixar e foi assim que passou o resto de sua vida um tanto quanto monótona, apenas degustando de suas amadas cantigas populares.

Sebastião foi uma pessoa de bem toda a vida, que sofreu muito e para uma vida sofrida foi destinada uma morte sofrida. Com seus setenta anos, descobriu uma doença degenerativa e que tiraria dele o que era mais puro e belo, não só a sua vida, mas a oportunidade de ouvir cantigas todos os dias.

Com muita dor e nenhuma resistência vinda de Sebastião, ele faleceu e a vida viu que colocou no mundo uma pessoa batalhadora e, acima de tudo, sofredora, e deu de recompensá-lo, com um descanso eterno. Porém, antes de morrer, Sebastião passou seu último dia da melhor forma.

O ex-rapaz ainda agora recordava a cantiga popular que lhe ouvia, à despedida, depois de ratificar as ligas, compor as saias, e cravar o pente no cabelo, - no momento em que ia deitar a mantilha, meneando o corpo com graça.

(Davi Andrade Vital Ribeiro – 1º ano)

A BELEZA DA NATUREZA



Em uma pequena cidade ao Sul da Itália, havia um homem chamado Palha. Andava nas manhãs frias e solitárias de sua cidade, pensando no que poderia fazer para alegrar sua vida e, ao mesmo tempo, acendia um cigarro que pegara no bolso interno do velho sobretudo preto, até avistar no horizonte uma bela moça.

Ao encontrar essa mulher indo a algum lugar que ele desconhecia, ficou tão distraído que derrubou sua maleta, e, ao abrir dela chão, observou com calma uma rosa que havia colocado ali dentro e decidiu levá-la àquela bela mulher.

O vento soprava forte e ele estava atrasado, mas não podia perder essa oportunidade. Ao chegar, ao lado da mulher, logo lhe ofereceu a rosa, convidando-a para tomar um café e ela aceitou. No caminho, poderia observar aquele belo rosto, mas o Palha baixara os olhos do joelho até o resto da perna, onde pegava com o cano da bota. De feito, era um belo trecho da natureza. A meia de seda mostrava a perfeição do contorno. Palha, por graça, ia perguntando à mulher se machucara aqui, e mais aqui, e mais aqui, indicando os lugares com a mão que ia descendo. Se aparecesse um pedacinho dessa obra-prima, o céu e as árvores ficariam assombrados, concluiu ele enquanto a mulher descia o vestido e tirava o pé do bando.

E foi nesse dia que Palha conseguiu finalmente perceber a perfeição da mulher e da natureza.

(Felipe Almeida - 1º ano)

O AMOR NÃO MALTRATA



"O amor é a lei da vida, a razão única da existência", refletia a mulher se isso seria mesmo verdade. Acostumada a ser maltratada por seu pai na infância, sonhava no futuro com um príncipe encantado que a levaria para um castelo.

Jovem sonhadora, casou-se com um homem que, com o passar do tempo, tornou-se tão violento quanto seu pai. Pensava na história que ia se repetir. Tinha medo e naquele momento só pensava em não estar ali vendo seu sonhado castelo se desmoronar.

Como podia pensar em amor diante daquela circunstância de agressões diárias na presença de seus filhos e como mudar isso abalada financeira e psicologicamente?

Um dia resolveu que, se continuasse naquela situação, seus filhos teriam o mesmo destino devido à falta de amor. Resolveu então ir a uma delegacia da mulher e fazer uma denúncia. Agora, protegida pela Lei Maria da Penha, pode sonhar novamente que, amando e sendo amada, ainda pode mudar o rumo de sua vida .

O amor é o sentimento mais vasto e amplo que o ser humano consegue ter .

(Maria Júlia França Goulart – 7º ano)

TUDO CHEGA AO FIM



Numa noite chuvosa, uma semana antes do Natal, reunia-se toda a família do senhor Augusto ao redor do seu leito de morte.

Senhor Augusto nasceu em uma família rica do interior de São Paulo, mas, por causa de um vício que adquiriu por bebidas, perdeu tudo: dinheiro, sua mulher, seus filhos e, de pouco em pouco, amigos e conhecidos foram se afastando.

Augusto sempre foi um homem muito culto e inteligente. Depois que se olhou com olhos sóbrios e viu o grande estrago que a bebida causou em sua vida, decidiu que iria parar de beber, mas já era tarde demais. Não tinha amigos, sua família havia se afastado e seu fígado, assim como sua saúde em geral, estava em um péssimo estado.

Foi internado já em estado terminal e, como seu tempo na terra já estava chegando ao fim, achou que seria uma boa hora para acertar as coisas com sua família. Mandou cartas para todos membros cujo endereço ainda sabia.

Depois de um tempo, os familiares começaram a chegar, mesmo os que moravam mais longe vieram visitá-lo. Todos pareciam preocupados com a condição física em que o encontraram. Augusto aparentava-se extremamente doente e tinha dificuldade até para falar.

Após ter percebido que todos estavam reunidos no quarto, começou a falar:

- Obrigado a todos por estarem aqui, isso realmente significa muito para mim... Sei que não fui um bom filho, irmão ou, em geral, uma boa pessoa. Queria também pedir desculpas por ter resistido ao vício. Mas, resiste-se um dia, não se resiste em outro; e cada sol traz uma mudança à alma do homem.

Lentamente ele fecha os olhos, assim deixando subentendido que sua hora havia chegado.

(Lívia Nobre Baldochi – 8º ano)

O MENINO ÓRFÃO



Ezequiel era um menino órfão, que foi deixado pelos pais em seus primeiros dias de vida em um orfanato da periferia, local onde viveu e vive até hoje.

Eu, por ser uma pessoa que gosta de crianças e adolescentes, trabalho no orfanato, trato todos por igual. Porém, com Ezequiel, é diferente. Ele é tratado ali como um rei, apenas pelo seu jeito carismático.

Assim eu jamais poderia imaginar que um dia Ezequiel fosse tratar com violência um deficiente, agindo com arrogância, falando palavras que jamais tinha dito.

O ocorrido me lembrou de uma história, de quando minha irmã deficiente foi violentada. Por essa atitude, resolvi castigar o garoto.

O meu plano foi esperar o café, dissolver nele a droga e ingeri-la. Ezequiel abriu a boca. Cheguei-lhe a xícara, tão trêmulo que quase a entornei, mas disposto a fazê-la cair pela goela abaixo, caso o sabor lhe repugnasse, ou a temperatura, porque o café estava frio... Mas não sei que senti que me fez recuar. Pus a xícara em cima da mesa, e dei por mim a beijar doidamente a cabeça do menino.

-Papai! Papai! exclamava Ezequiel.

- Não, não, eu não sou teu pai.

Eu senti medo e dó de um menino que tem uma vida dura em um orfanato. E percebi que castigar não seria uma boa opção. Após ouvir “Papai” eu decidi adotá-lo e ensinei a ele que todos somos iguais e que não devemos desrespeitar ninguém.

(Gabriel Faria Rosa- 1º ano)

GRANDE CONFUSÃO



Para aquele casal, qualquer coisinha virava uma grande confusão.

Um dia eles convidaram um amigo para jantar. Quando foram comer, o amigo perguntou:

- Qual é o prato da noite?

O marido falou que era frango, mas a mulher disse que era bife. O casal ficou gritando um com o outro, até chegar a uma decisão. Quando eles concordaram, a comida (frango ou bife) já tinha até esfriado.

O amigo, por estar envergonhado, fez mais uma pergunta meio constrangedora.

-Vocês brigam sempre?

-Às vezes, disse o marido.

A mulher ficou triste com a situação. Ficou pensando a noite inteira sobre a impressão do amigo a respeito deles.

Ao fim do jantar, estando somente os dois em casa, decidiram evitar de brigar por qualquer coisinha, ainda mais na frente dos outros.

"Não são infelizes, nem podemos dizer que são felizes. Vivem, respeitam-se, vão ao teatro", mas a escolha da peça pode se transformar em outra grande confusão.

(João Eduardo Mancilha Matos – 7º ano)

ASSIM É O NOSSO AMOR



Estava envolto em um turbilhão de sentimentos. Ansioso, eufórico, talvez fora de mim. Esperava aquela resposta, como necessidade de ar, um sim. O amor não se mede em palavras, mas em sentimentos.

-Amava-me, creio, mas não entendíamos o amor do mesmo modo. Tal foi o meu doloroso descanso. Para mim era um êxtase divino, uma espécie de sonho de ação, uma transfusão absoluta de alma para alma. Para ele o amor era um sentimento, moderado, regrado, um pretexto conjugal, sem ardores, sem asas, sem ilusões... Erraríamos ambos, quem sabe?

Não estava pronto para uma decepção, o que seria se fosse um não? Com tantas expectativas em meu coração, estaria despedaçado como se fosse arrebatado do meu ser, sem chão.

Como seria um coração sem amor? Seria como um pássaro sem voar? Flor sem perfume? Crianças sem risos?

Nada se encaixa, se completa. Assim é o nosso amor!

(Douglas Santiago - 1º ano)

OS MELHORES AMIGOS



Roberto e Rogério eram dois irmãos e também eram muito amigos. Eles davam muito valor à amizade que tinham. Para eles a amizade não era um nome em vão.

Roberto era o irmão mais velho de Rogério. Quando Roberto estava encrocado, Rogério ia ajudar. Quando Rogério estava com dúvida na matéria, Roberto ia ajudar.

Eles estudavam na mesma escola, faziam tarefa juntos , jogavam vídeo game juntos e praticavam esportes juntos. Na casa deles, eles cuidavam do irmão mais novo.

Quando eles brigam, eles conversam para resolver o problema, porque sabem que a amizade é o que de mais importante eles têm na vida.

(Rafael José Feichas - 6º ano)

O SÁBIO



Muito tempo atrás, um velho sábio era excluído da sociedade por acharem que ele era feiticeiro. Todos sabiam da existência dele, mas não o viam há anos.

Mas ele observava tudo e começou a ver que três jovens viviam assaltando a casa de uma pobre moça. Todas as vezes que isso acontecia, ela não estava em casa, estava trabalhando.

Também Dona Mirtes, sua vizinha, via isto acontecendo e dizia aos assaltantes:

-Um dia vocês vão se arrepender! Se, no futuro, lhes perguntarem o que vocês faziam em sua juventude, vocês vão falar que roubavam? Não né? Então é bom pararem!

Como o "feiticeiro" (como era chamado) já estava cansando dessa mulher dizendo isso, um dia resolveu chamá-la para conversar e sabiamente disse:

- "Com efeito, aos espíritos jovens, mais ou menos gastos o futuro é nada, o presente é tudo. Não lhes falem do que pode ser consequência dos atos de hoje."

Depois de ouvir aquilo, ela refletiu e nunca mais disse a frase que sempre falava.

Após conversar com Dona Mirtes, o sábio chamou os jovens, conversou com eles e fez com que refletissem sobre seus atos. Depois daquele dia, a paz reinou naquela rua e o "feiticeiro" começou a ser respeitado e a ser chamado pelo seu nome, que era Joaquim.

(Isabela Duarte Pereira - 7º

ano)

MINHAS HONROSAS LEMBRANÇAS



Quando eu era menina, meu pai me ensinou o poder que a poesia e o mar tinham juntos, então eu, por diversão, só falei uma frase aleatória que veio à minha cabeça:

"O mar, que deixou passar essas vozes concordantes de duas almas violentamente separadas, continuou o perpétuo movimento da sua instabilidade".

Meu pai se espantou , pois eu era muito pequena para pensar dessa maneira. Então me perguntou o porquê dessa frase em meio a tantas outras, uma que trata de assuntos de pessoas grandes. Eu lhe respondi de uma forma que nem sabia que poderia responder. Eu lhe disse que amava a poesia e, já que ele estava me ensinando sobre o mar, me veio essa frase, sei lá por quê. Mas eu me surpreendi com o fato de eu falar que amava a poesia sendo que eu odiava escrever.

Dias depois, meu pai percebeu que eu estava estranha e me perguntou o que estava acontecendo. Eu lhe respondi que não conseguia parar de escrever diários, poemas, textos... Eu colocava meus pensamentos em tudo. Então meu pai deu um sorriso e me falou que eu tinha descoberto meu dom e era para eu não ter vergonha dele .]

Desde então eu nunca me esqueço daquele dia que meu pai me ensinou sobre o mar e a poesia.

(Rafaella Silva Souza – 7º ano)

SUPERAÇÃO



Hoje vou contar uma história de superação, de obstáculos, de persistência e batalha, uma história que, talvez, para você, leitor, pareça apenas um conto triste e genérico, mas toda história tem uma mensagem por trás.

Antes de começar, faça uma pergunta a si mesmo: será que, quando você está reclamando da vida, dos problemas, você tenta fazer atos que ajudem a neutralizar este problema, ou você prefere reclamar esperando que tudo se resolva como um milagre? A solução aparece para quem procura e quem fica esperando só vê o problema crescer ainda mais!

Tudo começa com um grupo de cientistas pesquisadores e biólogos, especializados em realizar pesquisas para a medicina. Surgiu como um pequeno grupo de graduados que forneciam pequenas pesquisas para universidades maiores. Com os avanços das pesquisas e o aumento do grupo, essa pequena equipe participou de grandes projetos em grandes universidades, realizando principalmente pesquisas sobre a psiquê humana. Mas como tudo de bom na vida tem um fim rápido, um problema surgiu, um problema que foi capaz de separar todo esse grupo.

Ao longo do tempo, o grupo foi mudando, sempre saindo e entrando novas pessoas, mas a líder nunca mudou, ela era o centro da equipe e foi ela quem transformou o pequeno grupo em uma grande equipe de pesquisadores profissionais. Porém as pesquisas mudaram de rumo, a líder queria descobrir algo revolucionário, uma cura, algo que mudasse a medicina! Principalmente por que seu filho sofria de uma grave doença e, mais do que nunca, ela queria salvá-lo.

Porém, quando a pesquisa estava evoluindo, ocorreu um acidente no laboratório, um descuido, e apenas isso ocasionou o fim de um grupo inteiro, fazendo com que todos se separassem. Esse acidente foi grave, porém a que mais sofreu foi a líder, que ficou cega e sem sua equipe. A cura não foi descoberta, porém sobrou um, o estagiário que estava ali por um curto período. Mas, mesmo assim, os dois fizeram progresso.

Um dia o filho dela foi visitá-la e, quando chegou, ele desmaiou, pois a doença estava forte e ele não tinha mais muito tempo de vida. Mas não chorou; a alma dela era das que não têm lágrimas, enquanto lhe restam forças. Ela tentou, o estagiário tinha ido embora e, mesmo sozinha, ela tentou até não aguentar mais.

E é isso, o fim parece triste, mas o mais triste é ela não ter visto o seu filho melhorar. É triste ela não ter visto o seu filho superar essa fase, para hoje ele poder contar essa história.

(Luiz Eduardo dos Reis - 8º ano)

AMOR DE INFÂNCIA



Essa história aconteceu em uma cidadezinha de interior, em uma fazenda, envolvendo duas crianças, Zezinho e Maria, que, desde seus 5 anos, brincavam juntos e passaram a se gostar um do outro.

O pai de Maria, um sujeito rabugento e muito rico, inconformado com o amor dos dois, resolveu mandar a família ir embora, pois Zezinho era filho de empregados da fazenda e não poderia dar um futuro melhor para sua filha.

Na despedida, Zezinho foi falando para Maria que, caso ela não se casasse com ele, não casaria com mais ninguém.

Passados alguns anos, o fazendeiro arrumou um noivo para Maria. Este era velho, porém rico.

Pobre Maria! Detestava o velho, queria se casar com Zezinho, seu primeiro amor, mas o casamento já estava marcado para ser realizado no mês de dezembro.

Chegou o grande dia do casamento, Maria estava vestida de branco, aguardando para entrar na igreja.

O fazendeiro, preocupado com o possível retorno de Zezinho, pediu aos seus capangas que vigiassem o redor da igreja.

Ninguém imaginava que quem estava no altar era Zezinho. O moço já formado tinha comprado uma fazenda e estava à espera de Maria. Assim que a noiva entrou na igreja, Zezinho pegou Maria pela mão e os dois fugiram da cidade, deixando todos os convidados espantados.

Bem longe dali eles puderam casar e viveram felizes. “Não se refazem os homens e, nesta palavra, estão compreendidas as mulheres, nem eles nem elas se devolvem ao que foram.”

(Gabriel Costa do Carmo - 7º ano)

A APRESENTAÇÃO DE JOSÉ



José era muito estudioso, mas muito vergonhoso também. Até que um dia todos os professores de sua escola resolveram organizar uma apresentação em grupo. Eles disseram somente isto e que iriam distribuir as falas de cada um na próxima semana.

José chegou a sua casa e foi direto para o quarto, pensando como seria a apresentação que iria fazer. Só saiu dali para jantar e subiu novamente. Sua mãe ficou preocupada e, no dia seguinte, ligou para a escola para saber o que estava acontecendo e lhe disseram que a única coisa nova era a apresentação. Ela entendeu na hora!

Então decidiu conversar com José no caminho da escola. Compreendendo a situação do filho, propôs-se a ajudá-lo, dizendo que, quando ele soubesse qual seria sua parte, iriam estudar a frase todo dia depois da escola.

Finalmente o dia chegou e a frase dele era: “Dentro de pouco tempo estarei eternamente unido a uma mulher. Eternamente eu que nunca dei amor mais que dois meses de vida.”

Treinaram todo dia até que José perdeu o medo e fez uma bela apresentação na escola.

(Maria Eduarda Faria de Souza – 6º ano)

ESPERANÇA



Era um reino encantado. Machado de Assis estava tentando chegar ali, mas nele tinha um labirinto gigante. Foi quando apareceu o senhor Dourado e disse:

- Aonde você está indo, Machado de Assis?
- Para um reino encantado, por quê?

- Mas você não pode ir lá!
- Por quê?
 - Porque dizem que lá é amaldiçoado.
 - Mas lá era meu reino.
 - Ok, continue tentando.

Machado de Assis então continuou andando, quando deu de cara com um portão:

- Será que estou perdido? Não me lembro desse portão.

Tinha uma parede do lado do portão. Ele entrou e teve a impressão de se lembrar onde estava. “O que ele tinha diante de si eram os campos infinitos da esperança”.

Pareceu difícil chegar ali, mas ele conseguiu.

(André Luís Bidoia Bressani - 6º ano)

UMA MANHÃ INESQUECÍVEL



Era uma vez um menino chamado Vítor. Ele era muito feliz e gentil com todas as pessoas. Certo dia, ele e seu irmão mais velho, Rafael, estavam jogando truco quando Rafael disse:

-Ahhh! Te venci!

-Estou impressionado!, disse Vítor, caçoando do irmão.

-Ah, ele gozou da sua cara direitinho! Muito boa!

- disse Christofer, o irmão caçula, que assistia à cena de longe.

Enquanto ele falava, Vítor e Rafael levaram um susto e perguntaram:

-Mas como você entrou aqui? A porta estava trancada!

-Eu pulei a janela para vir falar sobre outra coisa para vocês. Estamos atrasados em um minuto para a escola! exclamou Christofer.

Eles, na pressa, saíram correndo, pois não queriam chegar mais atrasados. E então pegaram um atalho por um bosque, mas, no fim, a cem passos da escola, tropeçaram em uma grande raiz de árvore, bateram em outra e desmaiaram. Alguns colegas os viram desmaiados e ligaram para o hospital mais próximo.

Durante o caminho para o hospital, eles acordaram e Vítor perguntou a sua mãe, que já estava ao seu lado:

-Onde estamos?

-Estamos em uma ambulância, indo para o hospital.

Lá chegando, foram atendidos pelo Dr. Vegas. Rafael e Christofer foram examinados e estavam bem, porém, ao examinar Vitor, o médico descobriu que um câncer o acometia e recomendou cirurgia imediata. O susto foi enorme para a família.

Durante a espera, amanheceu... “o céu fazia economia das estrelas, apagando-as à medida que o sol ia chegando para seu ofício”.

Vitor saiu dali curado e todos felizes. Certamente, nunca mais se esquecerão daquele amanhecer.

(Pedro Henrique Duarte dos Santos – 6º ano)

INSEGURANÇA MATA



Havia chegado o dia do casamento de Sofia e Rubião. Ela, uma mulher frágil e delicada, já ele, um homem forte e poderoso. Sofia amava Rubião, porém era muito insegura de suas decisões e, com isso, resolver fugir de seu casamento.

Ao fazer isso, não teve, porém, coragem de voltar para casa, tendo que permanecer na rua, onde conheceu um rapaz chamado Loquaz. Este trabalhava no exército e, terminando o serviço do dia, encontrou Sofia chorando numa calçada e parou para conversar com ela:

- O que uma moça tão bela faz sozinha aqui nessas ruas desertas?

- Por favor, não sei quem é você, mas me ajude! Acabei de cometer um grande erro e não tenho coragem de voltar atrás sozinha!

- Ajudo... apenas me conte o que aconteceu.

- Abandonei meu noivo no altar hoje, um pensamento momentâneo, sabe? Agora quero ir falar com ele, mas tenho medo do que pode acontecer.

- Pode deixar comigo! Meu serviço é proteger as pessoas.

Chegando lá, Rubião parecia totalmente outro. Sofia é que não sabia que fizesse. Trouxera ao colo um pombinho, manso e quieto e sai-lhe um gavião, um gavião adunco e faminto. Esse gavião era Rubião, cheio de raiva, que negou sem dó o pedido de perdão de Sofia.

A fúria de Rubião fez com que ele voasse em cima de Sofia, mas foi detido por Loquaz. Os dois começaram a brigar e nem se deram conta de que Sofia estava prestes a se matar. E este é o fim da nossa doce Sofia: se suicidou por insegurança de viver.

(Ana Cecilia Souza Barbosa – 2º ano)

O MENINO E O CÃO



Há muito tempo, morava em uma mansão uma família composta por uma mãe viúva e seu filho. Ela odiava qualquer tipo de animal, se visse um, já o maltratava e até mesmo o matava. Seu ódio era tanto porque, no passado, numa época sem vacina, o pai do menino morrera por causa de uma mordida de cachorro raivoso.

Então a mãe pegou trauma, já o menino não, pois ele sabia que não era todo animal que fazia isso e sabia que não foi por querer.

Certo dia, um outro choque acontece naquela mansão: a mãe descobre que o menino tinha um câncer incurável. Este, bem abalado, faz um pedido a mãe se podia ter um cachorro como companhia. Naturalmente, ela nega, o que deixa o garoto muito triste, mas, por outro lado, ele entendia o trauma da mãe.

No dia 2 de novembro, o menino faleceu sem realizar o seu maior sonho: ter um cachorro e fazer sua mãe entender que os animais são os nossos melhores amigos.

Dias depois, vasculhando o quarto do filho, a mãe encontrou uma carta que ele havia escrito pedindo a ela que tivesse, sim, um cachorro e que isso ia fazê-la compreender tudo o que estava acontecendo.

Assim, com muita esperança, a mãe dele adotou um cachorro, que havia nascido no dia 2 de novembro e isso não foi coincidência, pois dentro do cachorro estava o espírito do menino. Com esse cão a mãe percebeu que: Quando a gente se aborrece dos homens, toma sempre a afeição dos animais, que têm a vantagem de não discorrer e nem intrigar, pois os animais sempre vão estar ali do nosso lado, nos tratando com muito amor, carinho e respeito. E assim a mãe dele viveu feliz com o cão pelo resto de suas vidas.

(Gabriella Ortega da Silva - 6º ano)

O BRINDE



Há muitos anos, havia uma vila com apenas cinco aldeões, um deles chamado Junhahi.

Um dia, Junhahi recebeu uma mensagem de que seu irmão do reino de Benim, na África, queria vê-lo. Ele pegou seu velho burrico e partiu. Mais à frente, encontrou um mercador:

-Bom dia, gostaria de algo?

Junhahi começou a conversar com o mercador e esqueceu completamente seu burrico. O animal, sem nenhuma pressa, foi andando até sumir de vista.

-Oh, não! Meus suprimentos! Meu burrico!

-Calma, amigo! Acho que posso te ajudar.

O mercador deu-lhe trigo e pão. Os dois se despediram e Junhahi continuou a viagem.

Ao anoitecer, Junhahi disse para si mesmo: “Está tão frio e escuro e não tenho onde dormir, acho que o rei deste castelo aqui perto não se importaria se eu ficasse nos estábulos por uma ou duas noites...”

Na manhã seguinte, o rei foi caçar e pediu ao seu guarda que o acompanhasse ao estábulo:

-Quem é você? – gritou o rei ao ver aquele estranho ali.

-Me perdoe, majestade, estava escuro e eu não tinha onde ficar. Só peço mais uma noite para dormir em seu estábulo....

-Basta! Não se preocupe com isso, entre e vamos conversar enquanto lhe sirvo uma refeição!

Enquanto Jinhahi, faminto, comia muito, conversaram e depois saíram juntos para caçar. Ao terminarem, o rei deu-lhe roupas novas, pois haveria um banquete a seguir.

Começando a festa, Jinhahi elogiou o rei:

-Vossa Majestade, quero agradecê-lo por ser um homem gentil e me hospedar em seu castelo.

-Eu não sou um homem que recuse elogios. Amos; eles fazem bem à alma e até ao corpo. As melhores digestões da minha vida são as dos jantares em que sou brindado.

- Então vamos brindá-lo!

- Ao rei! -Ao rei! -responderam todos em coro.

No dia seguinte, Junhahi despediu-se:

-Agora devo ir. Há dois anos que não vejo meu irmão e devo partir para a África!

-Não precisa mais! Irmão!

E os dois se entreolharam e se abraçaram.

(Elisa Ballielo Dias Vilela - 6º ano)

AMOR DE MÃE



Esta história é baseada na realidade, no passado de minha tia-bisavó Inês Novaes e seu filho Rodrigo, o qual contará sua história:

“Quando eu nasci, minha família não tinha condições financeiras, nem dinheiro para me criar, então meu avô, Felipe, me deu a uma família rica, que poderia me sustentar. Minha mãe chorou de tristeza e, ao se despedir de mim, me deu uma manta com meu nome.

Naturalmente que estou relatando o que me contaram, pois não lembro como foi, pois eu só tinha um mês de idade.

Fui morar em uma mansão. Minha mãe adotiva chamava-se Johana e eu também tinha uma irmã adotiva chamada July, já de 7 anos.

Quando eu completei 5 anos, ouvi, pela primeira vez, minha mãe e minha irmã conversando sobre minha outra mãe. No começo, nem compreendi, deixei de lado, mas, quando eu tinha 10 anos, não consegui evitar, então perguntei a elas se fui adotado. Minha mãe disse que não.

Com 11 anos, resolvi brincar no porão. Foi quando encontrei cartas e fotos da minha mãe biológica, então, novamente, perguntei e elas não puderam mentir. Eu tinha que saber a verdade que elas, enfim, me contaram. Passei a adolescência inteira me perguntando: “Por que ela me abandonou?”

Quando eu estava perdendo a fé na minha mãe biológica, July me ajudou com a esperança de eu reencontrá-la.

E, hoje, com 70 anos, vou reencontrar minha mãe. Não digo que todas as linhas fossem corretas, mas a alma corrigia tudo.

E agora, se me der licença, preciso ver minha mãe.”

(Larissa Ballielo Dias Vilela - 6º ano)

O BOLSISTA E O RICO



Havia uma escola onde só estudavam ricos, porém ali havia um aluno muito inteligente que era bolsista. Os alunos ricos da escola eram os populares, indisciplinados, usavam gírias com os professores e nas redações também.

- Você deve estar se achando o mais “top da parada”, né, mano? Mas saiba que sou mais top que você! – dizia-lhe um aluno rico.

- Você e seu pai podem ganhar riquezas, mas há algo que o dinheiro não compra.

O rico, pensando em o que seu dinheiro não poderia comprar, decidiu falar ao bolsista qualquer coisa:

- O pé do Neymar? O computador da Nasa?

O bolsista, rindo do rico, explicou o que ele não poderia comprar.

- A sabedoria e a inteligência, você, com seu dinheiro, nunca vai comprar, pois são virtudes que precisam ser conquistadas. Há de saber, fica sabendo que minha natureza simpatiza com o que está acima do comum. Eu pretendo ter dinheiro, mas não quero que ele seja a coisa mais importante da minha vida.

(Luigi Santana Trindade - 7º ano)



**Educação do jeito
que deve ser!**